

# TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE VI JORNADA DE ESTUDOS

## A POMBA DE PICASSO

**Julho de 1930**

Não vou contar essa história tal como aconteceu, pois não fui sua testemunha. Sirvo agora de interlocutora entre os protagonistas, os coadjuvantes, as testemunhas, o cenário e o tempo, que breve a esgarçará para sempre. Aqui está a soma de lembranças, interpretações, visões de mundo, aflições pessoais. Vamos registrá-la enquanto há memória, enquanto há signos.

Segundo me contaram, minha família morava no interior da Paraíba quando começou a revolução de 1930. Era uma família atuante, com grande participação política. No decorrer dos acontecimentos, considerou-se prudente transferir mulheres e crianças do palco da luta, e assim foi feito. Foram carroças e carros de boi entulhados de mantimentos, roupas, camas, redes e pessoas de confiança para ajudar na lida. O destino era uma fazenda no interior de Pernambuco, de um amigo chamado Pedrinho Soares.

A viagem, porém, não transcorreu sem transtorno. Das três mulheres grávidas da caravana, uma entrou em trabalho de parto e pariu numa modesta casa à beira da estrada, em cima de uma mesa, sem ajuda de médico ou parteira. O menino nasceu laçado e por isso

1

chamou-se José. Nesse ponto, a caravana dividiu-se, pois era necessário oferecer repouso à mãe e ao recém-vindo.

Quando afinal puderam prosseguir, encontraram-se no galpão que lhes servia de morada. As crianças estavam acostumadas com os animais de sua fazenda, as falas, os amores, mas não com os pombos circulando pelo chão, pelo telhado da casa, descomendo irresponsavelmente, como ali. O pombal fora montado no alto de um frondoso pé de tambor, e ali se quedavam as crianças a fazer o inventário do bando. Uma delas só gostava de pombos brancos, e quando soube da existência de pombos-correio - o que não era o caso - escreveu bilhetes para o pai, pedindo-lhe para vir buscá-los, pois sentiam saudades.

Quando as crianças afinal retornaram para casa, a primeira providência foi o planejamento de um pombal, já que rolava a lenda de que pombos trazem bons augúrios. O argumento não sensibilizou a matriarca, certa de que tal empreitada resultaria em epidemia de pixilingas, como já vira em outros terreiros. Nada a fez mudar de idéia, cabeçuda e teimosa que era. O pai, chamado à arena, não quis tomar partido: estava exausto por seus dias na prisão, mal alimentado, mal dormido, desrespeitado e de luto pelo irmão assassinado. Assim, todos os planos das crianças desmoronaram na tarde desoladora.

E foi assim que, da revolução, da saga, do exílio, do desterro e do que mais se queira chamar aquele descompasso/desmantelo, era dos pombos que as crianças mais lembravam em suas memórias. Ficaram como um símbolo, um emblema, uma marca indelével. Sobretudo os brancos, de pés rosados e unhas agudas, tentando se fixar na terra, nos beirais dos telhados, procurando achar canto seguro no mundo.

## **Março de 1944**

Já posso assumir a narração de mais um pedaço dessa história. Agora, são as minhas lembranças que se misturam às

fantasias para desenrolar a narrativa de um ponto no tempo. Sim, porque as histórias não têm fim: têm trechos, lascas, retalhos, fatias. Agora eu já nasci, e, embora nem sempre tenha discernimento para elucidar a vida, vejo e registro fatos, curiosidades, cotidianos.

Em nossa casa, tinha um rádio novo, enorme, que meus irmãos mais velhos chamavam de guarda-roupa. O rádio tinha, entre pequenas barras de madeira, um paninho cinzento por onde saía a voz. Para mim, aquele retalho de feltro era a sabedoria universal condensada. Ali nós ouvíamos as irmãs Batistas, Francisco Alves, Nelson Gonçalves, Emilinha Borba, Luiz Gonzaga e tantos outros. Deleites que se misturavam às notícias sobre a Segunda Guerra, que eu, em minha suprema ingenuidade, julgava ser realmente a segunda. Contrita, eu pedia a Deus que fosse a última, mas Ele não me ouviu.

As catástrofes eram veiculadas pelo Repórter Esso e, depois dos cadáveres, entrava uma musiquinha dizendo: Melhoral, Melhoral, é melhor e não faz mal. Um dia ouvi José – o que nascera laçado em cima de uma mesa – dizer: — Eu quero ver como vamos agüentar essa guerra no lombo sem um pombal. Apressei-me em dizer-lhe que a guerra era muito longe, não precisava preocupar-se. Ao que ele, muito sábio, pois já estudava interno em colégio de Capital, falou: longe uma ova, boba, essa guerra é mundial.

Passei a tarde inteirando-me do que seria mundial e, ao dar-me conta da extensão do perigo, procurei meu pai. Expliquei-lhe que, sendo a guerra mundial, eu queria saber – e aí eu já estava em prantos – sobre a possibilidade de nos transferirmos para a casa de Pedrinho Soares quando o furdunço chegasse em Campina Grande. Sereno, meu Pai abraçou-me e reconstruiu etimologicamente a palavra mundial: guerra não anda, minha filha, quem anda são os soldados. Os soldados de toda parte do mundo. Por isso é mundial. Ela fica lá, no canto dela. Para sempre? perguntei. É, respondeu, espero que sim, mas eu não senti firmeza em sua resposta.

Depois acrescentou que estaria atento e, ao mais leve sinal de aproximação, seguiríamos, dessa vez no carro Ford de Maximino, - aquele que tinha um coxim amarelo felpudo no banco de trás, coceguento como ele só. Ele fretaria o Sedan especialmente para a

ocasião. Quando lhe perguntei se Nice poderia ir com seus olhos verde-azulados, afirmou que sim, já que fazia parte de nossa família.

Depois de muito matutar sobre a guerra e sua relação com o pombal, procurei José e lhe disse que não eram os pombos que traziam os bons augúrios, mas a cor. Pode ver: sempre se fala em pomba branca; o bebê se batiza de branco; a gente faz primeira comunhão de branco; a noiva se casa de branco. Então podemos ter um bicho branco para nos proteger, não precisa ser pombo. Ele me ouviu com atenção, o que me deu alegria. Passou a mão pelo cabelo ondulado e disse: já que é assim, que tal se a gente criasse uma alma do outro mundo?

Não foi necessária a transferência da família para a fazenda de Pedrinho Soares. A guerra continuou por mais algum tempo, continuei, sem o menor êxito, tentando entendê-la e continuaram também as surpresas e malvadezas das falas de José. Nice, que havia chegado em nossa casa logo depois de meu nascimento, foi a grande companheira de minha infância. Durante sete anos estivemos juntas, e a idéia de perdê-la atormentou minhas noites, porque imaginava a solidão quando me fosse para o desterro, antes de meu Pai incorporá-la à família. Ela me ouvia com toda a paciência do mundo, enquanto fazia a toailete para, bela, transitar sobre os telhados. Era minha mascote. Foi poupada pela guerra, mas, apesar de branca e boa, não foi poupada pela morte: partiu numa tarde cheia de sol, entre contorções e uivos, e senti frio.

Não se passava um dia sem que nosso rádio falasse da guerra e sobre ela. Quando ouvia o jargão que anunciava o noticiário, meu coração acelerava e eu tapava os olhos, como se assim pudesse evitar a desgraça do mundo. E desde então, a cada filme, cada documentário, cada romance que passa por mim sobre a guerra, renovam-se as interrogações: são realmente os soldados que andam? Eu a sinto tão perto, tão perto dos gatos que transitam em meu jardim... No meu jardim não tem alma do outro mundo. O conflito estará sempre distante das palavras de meu pai, da fazenda de Pedrinho Soares?

Um dia, quem sabe, terei um neto nascido em cima de uma mesa?

## Século XXI

Guerra dos sexos - das elites - dos preços - das massas - das religiões - da concorrência – dos jovens – das etnias...

Minha memória entulhada de guerra. Arranham barulhos de guerra. Meus olhos verde-azulados amargam na guerra. Meu coração disparado na guerra. Eu quero tomar um Melhoral.

Guerra à carestia – à fome – às drogas – à propaganda – ao preconceito...

Guerra nas estrelas  
Guerra nas entrelinhas

Gente-bomba, avião-bomba.  
Menina nua vestida de napalm.  
Menino-Vênus de Milo.

Guerra Santa. Guerra Santa ??? Guerra Santa.

\*

Meu pai, Nice, José e Pedrinho Soares estão mortos. A fazenda dele, Aconchego, foi vendida. Ninguém sabe dessa história de pombos. Acham que é invenção. Não tenho mais a quem perguntar se era verdade ou fantasia.

\*

Gata branca não é símbolo de nada.

Nunca construímos um pombal, e nem sei por quê.

\*

Picasso desenha bem. Entre Guernica e La Paloma, eu sou mais a Pomba.